

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A FORMAÇÃO DO *CUPIM DE AÇO* E A ASCENSÃO DE ÉLCIO ÁLVARES PARA GOVERNADOR DO ES (1974)

Filipe Savelli Pereira

Mestrando em História Social das Relações Política pela

Universidade Federal do Espírito Santo

filipetrumbone@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo a indicação de Élcio Alvares para o cargo de Governador (1974), do estado do Espírito Santo no período que consolidou a conciliação político-partidária em prol dos Grandes Projetos de Impacto (GPI) na Grande Vitória. A conciliação só fora possível, devido á alguns fatores, dentre a afirmação política de um novo grupo, oriundo movimento chamado Cupim de Aço, este grupo terá como uma das suas principais lideranças Élcio Alvares, este então mencionado, veio da ala moça do Partido Democrático Social (PDS) ligado à Jones Santos Neves, após o golpe Civil-Militar de 1964 e a instauração do Ato Institucional nº2 (27/10/1965) o sistema partidário fora modificado, sendo imposto o bipartidarismo, desta forma ingressou na Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Logo entender como se deu a formação desse grupo Cupim de Aço, é entender a escolha de Élcio Alvares para o cargo de Governador e a conciliação em prol do GPI.

Palavras-chaves: ARENA. Elites. Partidos políticos.

Aspectos gerais e introdutórios.

O Regime Civil-Militar brasileiro, iniciado e pelo golpe de 1964, fez o uso de Atos Institucionais (AI) para assim reconfigurar a cenário político institucional do país. O sistema partidário brasileiro sofreu uma grande alteração por meio do AI-2 no ano de 1965, que instaurou o bipartidarismo, dissolveu todos os partidos existentes, resultando em duas legendas: Aliança Renovadora Nacional – ARENA e o Movimento

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Democrático Brasileiro – MDB, sendo o primeiro a base do governo e o segundo a oposição.

Submetidas a condições de limitação e controle – legais e/ou discricionárias – as agremiações partidárias da época teriam muitas dificuldades para cristalizar-se enquanto elementos de representação dos interesses dos eleitores, o que, em outras palavras, equivaleria a dizer que não construiriam relações orgânicas com a sociedade. (OLIVEIRA. pág. 26. 2018)

No estado do Espírito Santo, as elites tradicionais se alojaram dentro da ARENA, sendo resultado de toda conciliação política que o Golpe de 64 representou para a elite política capixaba¹. Já o MDB fora formado, por aqueles que não entraram dentro da lógica da elite capixaba.

Entretanto, tal configuração partidária, resumida a dois partidos somente, resultou em uma maior disputa interna pelo o controle interno das próprias legendas. Na ARENA, por exemplo, fora formada uma dissidência partidária nomeada *Cupim de Aço*², que era composta por ex-membros da ala moça do Partido Social Democrático (PSD), e por ex-membros da União Democrática Nacional (UDN). O grupo *Cupim de Aço*, foi capaz de decidir duas eleições para governador no Espírito Santo, tendo Élcio Álvares sido uma de suas principais lideranças eleito Governador³ em 1974, com apoio e ajuda do então

¹ “Assim, tal como pode ser constatado, compôs a Arena no Espírito Santo a *nata* da política espírito-santense do período precedente, as lideranças mais destacadas dos mais diversos partidos, entre os quais podem ser elencados os três senadores do Estado na época: Eurico Rezende (UDN), Jefferson Aguiar (PSD), e Raul Gilberti (PSP); sete dos oito deputados federais: João Calmon (PSD), Napoleão Fontenelle da Silveira (PSD), Floriano Lopes Rubim (PTB), Antônio Gil Veloso (UDN), Dulcino Monteiro de Castro (UDN), Oswaldo Zanello (PRP), Raymundo de Andrade (PTB/PTN). Também se filiaram à Arena 33 dos 43 Deputados Estaduais, entre os quais aqueles com maior prestígio no Legislativo Estadual, tais como os pessedistas José Parente Frota, Christiano Dias Lopes Filho e Alcino Santos; udenistas como Francisco Schwab, Antônio José Miguel Feu Rosa, Setembrino Pelissari, Vicente Silveira, Moacir Dalla; além de importantes membros do PSP, que era o partido com maior ascensão eleitoral. Entre os membros do Partido de Adhemar de Barros com peso político no Estado, destacam-se Geraldo Vargas Nogueira, Emir Macedo Gomes, Edson Machado de Souza e José Moraes. (OLIVEIRA. p.98, 2018)”

² A ARENA capixaba majoritariamente era formada por dois grupos base: os ex-membros do PSD e os ex-membros da Coligação Democrática (UDN, PR, PDC, PTB, PRP, PCB, PRD e PSP). Todavia no seio da ala do antigo PSD, membros do partido que não estavam ligados diretamente à Christiano Dias Lopes, se organizaram formando essa dissidência para realizar a disputa interna pelo o controle da ARENA capixaba, esse grupo teve como seu líder Élcio Álvares.

³ Vale ressaltar, que a eleição para Governador se dava por dois meios: a eleição pelo Colégio Eleitoral (Assembleia Legislativa) sendo o representante da Arena já escolhido pelo diretório e com aval da direção nacional, ou por meio da lista tríplice enviada ao Presidente da República. Tanto Élcio e Eurico foram escolhidos por meio do diretório da ARENA.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

senador Eurico Rezende, o qual fora indicado para Governador em 1978, por sua vez com o apoio de Élcio.

Este movimento político, resultou na conciliação pelos *Grande Projetos de Impacto* (GPI), que fora a plataforma de desenvolvimento criada por Arthur Carlos Gerhardt, governador de 1971 a 1975, esta conciliação se deu pelo fato da escolha de Élcio Alvares a governador, sendo este membro do grupo dissidente *Cupim de Aço*, com o apoio de Eurico Resende representante da elite política, e principalmente com a escolha de, Carlos Alberto Lindenberg Von Schilgen, para ser vice, indicado por Christiano Dias Lopes (Governador 1967-71), ocorreu a pacificação do diretório estadual da ARENA, assim em prol do GPI, a elite política, econômica e a ala militar capixaba, se conciliaram, esta conciliação se manteve até 1981.

Em termos teóricos pretendo fazer um percurso elucidativo dos três elementos que considero fundamentais para sistematizar o que foi usado nessa pesquisa como base teórica. Em um primeiro momento, buscarei refletir sobre o campo historiográfico que essa pesquisa se insere, que é a *Nova História Política* (REMOND, 2003). Em seguida tratarei da estrutura do objeto de pesquisa, trazendo à tona a discussão conceitual sobre *Partidos políticos*. Por fim, irei tratar das formas de *Dominação*, definidas Max Weber, para que mais adiante possamos entender o papel das grandes lideranças nesse momento histórico.

Um breve debate sobre a nova *História Política* e seus conceitos

O campo da *Nova História Política*, surgiu como uma reação a forma economicista, cuja o destaque recaia nas estruturas do agir humano e dos fenômenos políticos, sendo que o processo de renovação historiográfica iniciado com os *Annales*⁴, encontra se sua origem na crítica realizada contra a concepção de história vigente até então.

A *Nova História Política*, traz como principal inovação, a capacidade de pensar as ações políticas conectadas com a sociedade, o Estado não está isolado, suas ações reverberam nas outras esferas sociais como economia e cultura, representando os diferentes níveis de poder, no contexto do macropolítico e da micropolítica, assim

⁴ Revista Francesa de História, criada em 1929, com o objetivo de produzir uma crítica a perspectiva tradicional da História, e produziu uma mudança de paradigma na maneira do pensar Histórico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aumentado a capacidade de análise do historiador que optava pelo o caminho da *História Política*. Trazendo conceitos do marxismo como Gramsci – Estado ampliado, hegemonia, partido políticos, bloco histórico, intelectuais orgânicos e tradicionais; como também Althusser – sobredeterminação, aparelhos ideológicos de Estado e autonomia relativa (TÉRTAT, 2000); permitiram a transformação da história política, que não mais se identifica com a concepção tradicional de poder, essencialmente repressor.

Diversos autores destacaram a necessidade de os historiadores do político lidarem com a longa duração, não se preocuparem somente com as mudanças, mas também trazer à tona as permanências; logo se entende que o estudo sobre eleições não devem se ater somente ao pleito eleitoral, mas sim as estruturas que formam as relações sociais que constitui esse pleito, tal como a opinião pública, ideia política ou cultura política; este presente projeto de pesquisa se fundamenta nessa concepção historiográfica.

Como já salientado, este artigo se compromete a realizar uma análise do processo de indicação de Élcio Álvares para Governador e a construção do seu mandato, dedicarei esforços analíticos para tratar da organização da ARENA capixaba, e suas disputas internas, e como isso reverbera nas eleições de 1974.

A noção de gramsciana de Partidos Políticos

Em relação ao objeto, ou seja, *Partidos Políticos*, Antonio Gramsci, é a que melhor atende as peculiaridades do nosso *problema de pesquisa*, por enxerga o *Partido Político* muito mais além que uma sigla, a seguir farei a exposição deste conceito.

Para Gramsci (2004, p. 15):

“todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...]”.

Logo não importa que seja proletariado ou burguês, todos os grupos sociais possuem intelectuais, com a funcionalidade de homogeneizar e conscientizar a classe na qual são orgânicos no campo político e social, para que possa garantir uma coesão no campo econômico. Entretanto a relação dos intelectuais coma a produção não se dá forma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

imediate e direta, nas infraestruturas; ocupam uma função nas superestruturas de forma medita às infraestruturas; logo se a intelectualidade não possui relação direta com a produção, qual o seu papel na sociedade? Vejamos o que Gramsci (Idem, p.20) diz nesse trecho a seguir:

Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtida pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. Esta colocação do problema tem como resultado uma ampliação muito grande do conceito de intelectual, mas só assim se torna possível chegar a uma aproximação concreta à realidade.

Desta forma os intelectuais possuem o papel de construir a hegemonia, das classes na qual são orgânicos, por conseguinte educar sua classe e organizá-la, entretanto, ao falarmos intelectuais vale ressaltar que são aqueles com especialização dentro da sua classe orgânica, para exemplificar um cabo do exército que é analfabeto, é um intelectual por possui uma especialização acima do soldado. Existe uma tríade do papel dos intelectuais *organização-direção-educação*, que em nenhum momento qualquer um dos três não poderá ser feito de forma independente, deve ser realizada com outras pessoas por meio de uma instituição, um partido político (GRAMSCI, 2004, p. 24); que é definido da seguinte forma:

O que se torna o partido político em relação ao problema dos intelectuais? É necessário fazer algumas distinções: 1) para alguns grupos sociais, o partido político é nada mais do que o próprio modo de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos, que se formam assim, e não podem deixar de formar-se, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado, diretamente no campo político e filosófico, e não no campo da técnica produtiva [...] 2) o partido político, para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política, ou seja, proporciona a soldagem entre intelectuais orgânicos de um dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente da dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como ‘econômico’, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sendo assim, qualquer entidade onde tem trabalhos de organização, direção e educação por parte dos intelectuais, tendo como objetivo formar dirigentes nas sociedades civil e política, podem ser consideradas *partidos*. Logo esta definição ampliada do que são *Partidos Políticos*, nos permite uma compressão além da sigla partidária, tanto ARENA como MDB durante todo o Regime mostraram suas pluralidades, tais elites disputam internamente o direito de delimitar as ações de *organização-direção-educação*, dentro de seus partidos, tal ímpeto que gera a dissidência *elcista Cupim de Aço* durante o Regime Civil Militar.

As Dominações na concepção weberiana

Em direção a conclusão deste projeto, me coloco a discutir a última etapa dessa proposta de referencial teórico. Com esse propósito pretendo explicar, as formas de *Dominação* definidas por Max Weber (1968).

O autor diz que a característica primordial para um político é a *Dominação Legítima*, tendo três formas de justificação desta dominação, ou dos três fundamentos da *Legitimidade*:

1. “Poder Tradicional” - tal forma de poder se fundamenta num “passado eterno”, que legitima sua forma de poder pelo passado, cuja o seu poder deriva de um costume tradicional daquela sociedade.

Antes de tudo, a autoridade do “passado eterno”, isto é, dos costumes santificados pela validade imemorial e pelo hábito, enraizado nos homens, de respeitá-los. Tal é o “poder tradicional, que o patriarca ou o senhor de terras, outrora, exercia. (1968, p.68).

2. Dominação Carismática – é quando o líder convence seu subordinado pelo seu carisma, que se dar por meio das características ditas “extraordinárias” de um indivíduo, isso cativa seus subordinados, sendo capaz de controlá-los dentro dos processos políticos.

Existe, em segundo lugar, a autoridade que se funda em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo (carisma) – devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas [...]. Tal é o poder “carismático”, exercido pelo profeta ou – no domínio político – pelo dirigente guerreiro eleito, pelo soberano escolhido por meio de plebiscito, pelo grande demagogo ou pelo dirigente de um partido político. (Idem)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3. Dominação Racional – é o líder capaz de exercer sua dominação por meio da “legalidade”, faz o uso das leis para estabelecer uma obediência, tudo isso baseado nos estatutos já estabelecidos.

Existe, por fim, a autoridade que se impõe em razão da “legalidade”, em razão da crença na validade de um estatuto legal e de uma “competência” positiva, fundada em regras racionalmente estabelecidas ou, em outros termos, a autoridade fundada na obediência, que reconhece obrigações conformes ao estatuto estabelecido. (Idem)

A concepção weberiana, no contexto desta pesquisa nos ajudará a compreender o papel das lideranças estaduais, na coordenação e seus grupos, e como acontecia os acordos para assim facilitar a chegada ao poder.

A manutenção dos grandes projetos e a conciliação *Cupim De Aço*

Como já dito anteriormente, o AI-2, editado em 1965, extinguiu o pluripartidarismo vigente desde 1946 e impôs o bipartidarismo. No Espírito Santo o partido hegemônico pré-golpe de 64, o PSD, manteve o controle das ações políticas no estado dentro da Arena. As demais forças políticas que se organizavam no pluripartidarismo dos anos 46/64, se deslocaram para dentro da ala governista, e a grande maioria dos membros do PTB ingressaram no MDB, o partido criado para servir de oposição ao regime.

Uma figura que adquiriu uma meteórica preponderância no contexto político capixaba, foi Élcio Alvares, um jovem que ingressara na política de forma mais profunda na segunda metade da década de 60. Élcio já era filiado ao PSD, todavia não tinha grande atuação dentro do partido. Após a instauração do bipartidarismo, Élcio Alvares chegou a compor a sessão de membros fundadores do MDB, entretanto ele juntamente com Teodorico Ferraço, Antônio Jacques Duarte, Ely Junqueira, Vicente Amaro da Silva, José Moraes e Roberto Vivácqua Vieira, já migraram rumo a ARENA quando se intensificou as movimentações políticas.

Tabela 1 – Membros Fundadores do MDB – Seção Espírito Santo – 1966

MEMBROS DO MDB – ES –1966			
	Nome	Partido de Origem	Cargo eletivo
1	Adalberto Simão Nader	PTB	Deputado Estadual
2	Antônio Alves Duarte	PTB	Deputado Estadual
3	Antônio Jacques Duarte	PTB*	Deputado Estadual
4	Antônio Ferreira de Carvalho	PTB	Deputado Estadual

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5	Ely Junqueira	PTB*	Deputado Estadual
6	José Teixeira Guimarães	PTB	Deputado Estadual
7	Luiz Baptista	PTB	Deputado Estadual
8	Mario Gurgel	PTB	Deputado Estadual
9	Mario Vieira Bicalho	PTB	Deputado Estadual
10	Manoel Monteiro Lobato	PTB	Deputado Estadual
11	Vicente Amaro da Silva	PSP*	Deputado Estadual
12	Hélio Carlos Manhães	PSP	Deputado Estadual
13	José Moraes	PSP*	Deputado Estadual
14	Roberto Vivácqua Vieira	PSP*	Deputado Estadual
15	José Ignácio Ferreira	PTB	Vereador
16	Lino Santos Gomes	PTB	-
17	Naly da Encarnação Miranda	PTB	-
18	Hugo Borges	PTB	-
19	Lourenço Pereira Cardoso	PTB	-
20	Argilano Dario	PTB	Deputado Federal
21	Adilon Cassimiro de Mattos	PTB	-
22	Darcy Francisco Pires	PTB	-
23	Carlos A. Lindenberg Von Schilgen	PSD	-
24	Élcio Álvares	PSD*	-
25	Dirceu Cardoso	PSD	-
26	Teodorico de Assis Ferraço	PRP*	-
27	Arnaldo Pinto de Andrade	-	-
28	Álvaro Fraga	-	-
29	José Rodrigues Maciel	-	-
30	Francisco de Oliveira Soares	-	-
31	Mário Cipreste	-	-
32	Joaquim Terch	-	-
33	Manoel Gonçalves Maciel	-	-
34	José Amaro de Medeiros	-	-
35	Hugo Antônio Ronconi	-	-
36	Mario Nicoletti	-	-
37	Djalma Juarez Guimarães	-	-
38	Francisco Santos Silva	-	-
39	Genésio Fraga	-	-
40	José Maria Claudio	-	-
41	Alfredo Motta Filho	-	-
42	José Miranda	-	-
43	José Figueiredo Costa	-	-
44	Nilzo Plazzi	-	-
45	Gilson Wanderley	-	-
46	Zeferino Vitoracci	-	-
47	Antônio Edson Azevedo Lima	-	-
48	Hausten Castelo	-	-
49	José Carlos Caiado	-	-
50	Claudionor Alves Pereira		
51	Malvino Perim		
52	Analberto Pereira do Carmo		

OLIVEIRA, 2018. p. 103

*Embora constem na lista de fundadores do MDB, os indivíduos destacados migraram para a Arena logo no início das movimentações.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Élcio, em sua autobiografia, publicada em 2012, narra o processo de formação dos dois partidos instituídos pelo regime.

Decidida a candidatura, passei a tomar as primeiras providências para colocar meu nome nas ruas. Na época existiam apenas dois partidos, MDB e ARENA. Cheguei a participar de reunião do Movimento Democrático Brasileiro, MDB, presidido pelo Deputado Federal Argilano Dario. Contudo, percebi que minhas convicções políticas e ideológicas me levavam para a Aliança Renovadora Nacional, ARENA. Consultando as pessoas mais próximas a mim, decidi-me pela ARENA e passei a desenvolver intensa atividade política. Os primeiros passos tiveram a participação ativa do jovem Deputado Estadual Theodorico de Assis Ferraço, que começou a me orientar, apresentando-me a lideranças conhecidas. (ALVARES, 2012, p.38).

Na Arena capixaba, aconteceu a formação de um grupo denominado “*Cupim de Aço*”, movimento dissidente formado durante o governo de Christiano Dias Lopes, resultado de alianças políticas feitas para as eleições de 1966. Sobre tal agrupamento, assim se manifesta Élcio:

Decorridos meses, a situação política estava configurada e encontrava-me em oposição ao Governo Christiano Dias Lopes Filho. Impelido pelo amor próprio continuei a manter contatos políticos, iniciando praticamente nova caminhada, agora com maior experiência. Fato político ajudou-me e foi decisivo para intensificar a maratona eleitoral. Alguns Deputados Estaduais reclamavam do governo, começando a adotar linha de oposição. Dentre eles, Vicente Silveira, representante do município de Iúna. Nome inscrito na história política do Estado, sagaz, experiente, dono de inteligência política privilegiada e sempre buscando frases pitorescas, começou a urdir o movimento oposicionista chamado “*Cupim de Aço*”. (ALVARES, 2012, p. 52-53).

A derrota nas eleições de 66 deu a Élcio sua primeira experiência com o pleito eleitoral, e ele descreveu na seguinte forma:

Era minha primeira disputa eleitoral não tinha malícia própria de políticos experientes, acreditava cegamente na lisura do pleito, entendia que o exercício democrático não permitia qualquer outro expediente, a não ser a legitimidade dos votos. (ALVARES, 2012, p.46).

A formação do grupo *Cupim de Aço* se deu por meio das lideranças do interior do estado, assim criando um polo de disputa política, e atraindo membros fiéis da ARENA para a dissidência, tal como Élcio descreve:

Vicente Silveira, Pedro Juvenal Machado Ramos – responsável pelo registro da chapa junto a Jarbas Pires Martins, então secretário da ARENA -, o incansável Paulo Barros, o tranquilo Danilo Monteiro de Castro e José Moraes, numa reunião deliberaram a criação oficial do “*Cupim de Aço*” perante o diretório estadual da ARENA. Estava instaurada a dissidência, que guardou adeptos e defensores fervorosos. (ALVARES, 2012, p.53).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O primeiro grande desafio do *Cupim de Aço* foi a disputa nas eleições para a formação do Diretório da ARENA e da Mesa Executiva, buscando afirmar seu espaço dentro da institucionalidade da ARENA. Para o Diretório, o *Cupim de Aço* compôs juntamente com a base de Christiano Dias Lopes a chapa 1 (conciliação), assim obtendo vitória no Diretório contra a chapa 2 (oposicionista, formada por boa parte de ex-membros da UDN).

Tabela 2 – Chapas que concorreram ao Diretório Regional da Arena – 1969.

CHAPA 1 (de Conciliação)	Partido de origem	CHAPA 2 (Arena oposicionista)	Partido de origem
Christiano Dias Lopes Filho (cabeça)	PSD	Dulcino Monteiro de Castro (Cabeça)	UDN
Moacyr Dalla	UDN	Pedro Juvenal M. Ramos	UDN
Rubens Rangel	PTB	Paulo Barros	UDN
Hilário Toniato	PSD	Wilson Neves Cunha	n.i.
Emir de Macedo Gomes	PSP	Dercílio Gomes de Albuquerque	n.i.
João de Medeiros Calmon	PSD	Eberth Alves Machado	n.i.
Carlos F. Monteiro Lindenberg	PSD	Nilton de Barros	UDN
Oswaldo Zanello	PRP	Danilo Monteiro de Castro	UDN
Henrique Pretti	PSD	José Moraes	PSP
José Carlos da Fonseca	PSD	Walter de Aguiar	n.i.
Alcino Santos	PSD	Tolentino Xavier Ribeiro	PTB
Ely Junqueira	PTB	Roberto Armizant Silvaes	n.i.
Vicente Silveira	UDN	Guilherme Santos	PTB
Élcio Álvares	PSD	Carlos Vali	n.i.
Dílio Penedo	PSD	Argêo Reginaldo Lorenzoni	UDN
Lúcio Merçon	PRP	Esmeraldo T. Melo	n.i.
Joaquim Alves de Souza	PSP/PTN	Lucas Lellis	n.i.
Edson Machado	PSP	Ademar Magnago	n.i.
Theodorico de Assis Ferraço	PRP	Dukla de Aguiar	n.i.
Nilzo de Almeida Plazzi	-	Manoel de Souza Soares	n.i.
Eurico Rezende	UDN	José Tristão C. Fernandes	n.i.
Manoel M. Lobato de San Martinho	PTB	Antônio Fernandes Castro	n.i.
Pedro Seleme	PSD	Arnaldo Sabino Soares	n.i.
Raul Gilberti	PSP	Natalino Littig	n.i.
Isaac Lopes Rubin	PTB/PTN	Dino Simões Pádua	n.i.
José Parente Frotta	PSD	Elcy Nunes Aarão	n.i.
Antônio José Miguel Feu Rosa	UDN	Eugênio Bottechia	n.i.
Setembrino Pelissari	UDN	Nelson Pimentel	n.i.
Walter Bersan	PDC	Joaquim Cecílio T. Leão	n.i.
Nelo Vola Borelli	-	Daniel Santa Clara	n.i.

OLIVEIRA, 2018. p. 216

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Livro de atas da Convenção Regional, da Comissão Diretora Regional e do Gabinete Regional. 1966-1979. Aliança Renovadora Nacional – Seção Estado do Espírito Santo. Vitória, 1966-1979, fls. 84-86.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A chapa 1 obteve a vitória com 118 votos, já a chapa 2 obteve 78 votos. Pelos os critérios de proporcionalidade, a chapa 1 indicou 19 nomes, e a chapa 2, 11 nomes, assim compondo o diretório com 30 partidários como era previsto por lei.

Tabela 3 – Diretório Regional da Arena eleito em 1969

Indicações da Chapa 1	
NOME	PARTIDO DE ORIGEM
Christiano Dias Lopes Filho	PSD
Moacyr Dalla	UDN
Rubens Rangel	PTB
Hilário Toniatto	PSD
Emir de Macêdo Gomes	PSP
João de Medeiros Calmon	PSD
Carlos Fernando M. Lindenberg	PSD
Oswaldo Zanello	PRP
Henrique Pretti	PSD
José Carlos da Fonseca	PSD
Alcino Santos	PSD
Ely Junqueira	PTB
Vicente Silveira	UDN
Élcio Álvares	PSD
Dílio Penedo	PSD
Lúcio Merçon	PRP
Joaquim Alves de Souza	PSP
Edson Machado	PSP
Theodorico de Assis Ferraço	PRP
Indicações da Chapa 2	
NOME	PARTIDO DE ORIGEM
Dulcino Monteiro de Castro	UDN
Pedro Juvenal Machado Ramos	UDN
Paulo Barros	UDN
Nilson Neves Cunha	n.i.
Dercílio Gomes de Albuquerque	n.i.
Eberth Alves Machado	n.i.
Nilton de Barros	UDN
Danilo Monteiro de Castro	UDN
José Moares	PSP
Walter de Aguiar	n.i.
Tolentino Xavier Ribeiro	PTB

OLIVEIRA, 2018. p. 217

O então governador Christiano Dias Lopes desejava que a eleição da mesa executiva tivesse apenas uma única chapa disputando. Todavia, o *Cupim de Aço* se organizou e lançou uma chapa para a disputa. Conforme os relatos do próprio Élcio,

Veio a eleição do diretório da ARENA. O Governador sonhava com chapa única. Mas Vicente Silveira, acompanhado de perto por Paulo Barros – que falta faz à vida política do Estado! - e Pedro Ramos disputaram, ao nosso lado e de outros companheiros, a eleição partidária e o resultado foi empate

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

inesperado, pois o Governo tinha se preparado para esmagar os “cupins de aço”. Só não foi eleito o presidente do nosso grupo, o saudoso Wilson Cunha, porque Rubens Rangel – figura veneranda da nossa chapa – à última hora entendeu que o melhor caminho era acompanhar o Governador. (ALVARES, 2012, p.54).

Tabela 4 – Chapas inscritas para a Comissão Executiva da Arena - 1969

CHAPA 1		
NOME	CARGO	PARTIDO DE ORIGEM
Emir de Macedo Gomes	Presidente	PSP
Oswaldo Zanello	1º Vice-Presidente	PRP
Alcino Santos	2º Vice-Presidente	PSD
Lúcio Merçon	1º Secretário	PRP
Ely Junqueira	2º Secretário	PTB
Theodorico de Assis Ferraço	Tesoureiro	PRP
Edson Machado	Procurador	PSP
CHAPA 2		
NOME	CARGO	PARTIDO DE ORIGEM
Vicente Silveira	Presidente	UDN
Dulcino Monteiro de Castro	1º Vice-Presidente	UDN
Moacyr Dalla	2º Vice-Presidente	UDN
Nilton de Barros	1º Secretário	-
Wilson Neves da Cunha	2º Secretário	-
Danilo Monteiro de Castro	Tesoureiro	UDN
Élcio Álvares	Procurador	PSD

OLIVEIRA. 2018, p.218

O resultado obtido pelo *Cupim de Aço* foi muito comemorado, pois, mesmo sendo derrotados, foi por uma diferença mínima de votos - 16 a 14. Sobre isso, Élcio argumenta o seguinte:

Porém o grande passo tinha sido dado. O “Cupim de Aço” ganhou espaço político. Se não tinha votos para ser eleito Vereador em Muquiçaba, conforme afirmou o Governador Dias Lopes, pelo menos colaborei para dividir o diretório estadual da ARENA com o Governador... (ALVARES, 2012, p.54).

Para Élcio Alvares, as eleições de 1970 seriam a prova do trabalho realizado nesse período de aglutinar as forças políticas dissidentes em volta de seu nome. A escolha de Arthur Carlos Gerhardt foi considerada uma surpresa, pois era um quadro afastado da questão política, e Élcio comemorou essa escolha, conforme relato:

Adotando critérios pessoais, Arthur permitiu que o “Cupim de Aço” não sofresse o peso da máquina oficial. Abriu diálogo com o grupo dissidente e essa postura permitiu indicação consensual dos candidatos ao Senado, Eurico Rezende e João de Medeiros Calmon. O “Cupim de Aço”, capitaneado por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vicente Silveira e Paulo Barros, mostrava simpatia acentuada pelo nome de Raul Giuberti, que só não foi candidato em face dos vinte e oito votos do grupo, que decidiram a escolha de Calmon. (ALVARES, 2012, p.54).

As movimentações ocorridas de 1966 a 1970, resultaram para Élcio Alvares o resultado de vitória eleitoral, e como o Deputado Federal mais votado desse pleito, conforme quadro abaixo:

Tabela 5 – Resultado das eleições para Deputado Federal – 1970.

Candidatos	Partido	Partido de Origem	Nº de votos	%	s Válidos (%)
Élcio Álvares	ARENA	PSD	33.067	9,38	13,87
José Carlos da Fonseca	ARENA	PSD	27.105	7,69	11,37
Oswaldo Zanello	ARENA	PRP	26.078	7,40	10,94
José Tasso de Oliveira Andrade	ARENA	n.i.	17.914	5,08	7,51
Argilano Dario	MDB	PTB	16.247	4,61	6,81
Adalberto Simão Nader	MDB	PTB	15.934	4,52	6,68
Dirceu Cardoso	MDB	PSD	15.717	4,46	6,59
Adyr Maia	ARENA	n.i.	15.065	4,27	6,32
Candidatos Eleitos			167.127	58,70	86,75
Candidatos não eleitos			71.241	8,96	13,24
Votos Brancos			88.804	25,21	-
Votos Nulos			25.067	7,11	-
Total de Votos Válidos			238.368	-	100
Total de Votos			352.239	100	-

OLIVEIRA, 2018. p.255

No pleito, obteve grande êxito nos municípios como Iúna, Guarapari, Iconha, Anchieta (Município em que Élcio obteve 794 votos de 1787 votos validos. Obtendo 44,50% do total de votos), Barra de São Francisco, Ecoporanga, Colatina, Linhares, Manténópolis, Conceição da Barra. Em tais localidades, Élcio possuía aliados políticos, oriundos do *Cupim de Aço*. Desta forma, a dissidência arenista funcionava como plataforma política para nomes que se colocavam como opositores do Governador Dias Lopes. Foram os casos de “Zeferino Vetoracci, de Anchieta, que estava ao nosso lado, adiantou-se na resposta: - Se depender do meu município o senhor já é Deputado Federal”. (p.56)

Com a sua afirmação como quadro político importante da política capixaba, nas eleições municipais de 1972, Élcio tem grande vitória com seus aliados, que venceram em diversas localidades. Na Câmara Federal, Élcio realiza seu mandato, e nesse período se aproxima muito das lideranças nacionais da ARENA. Na política nacional temos nas eleições de 1974 um crescimento exponencial do MDB. Todavia, esse voto de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

contestação não reverberou na política capixaba, e a escolha de quem seria o próximo governador agitou a vida política do estado.

A escolha do governador deveria atender diversos quesitos, dentre eles ser um nome capaz de pacificar a elite política, econômica e ala militar do regime. Nesse ínterim, diversos nomes foram analisados, o então governador Arthur Gerhardt possuía a preferência por Marcos Viana presidente do BNDE, este também já havia sido cogitado para assumir o governo no lugar de Dias Lopes. Outros nomes que reforçariam um dos objetivos da escolha, que era garantir a continuidade do GPI, eram o de Jones dos Santos Neves Filho este sendo o Presidente da Federação das Indústrias, e Carlos Fernando Monteiro Lindenberg Filho (Cariê).

Durante os avanços dos diálogos, outros nomes foram levados em conta, como Carlito Von Schilgen, no momento era senador o João Calmon, o ex-prefeito de Vitória Setembrino Pelissari, os três faziam parte do grupo político de Christiano Dias Lopes e eram ex-membros do PSD, e José Carlos Fonseca também fora cogitado, sendo este também ex-membro do PSD.

Outros nomes que não faziam parte desse núcleo de ex-membros do PSD, também foram cogitados como Lúcio Merçon (ex-PRP) então presidente da ALES, José Moraes (ex-PSP) Deputado Estadual, e Eurico Resende (ex-UDN). Nomes ligados ao governador Arthur Gerhardt, como o então Deputado Estadual e Presidente do Diretório Regional da Arena, Emir de Macedo Gomes (ex-PSP), e por fim nesse momento o Prefeito de Vitória que aparecia como uma nova liderança no cenário capixaba Crisógono Teixeira da Cruz.

Grande parte dos nomes cogitados não possuíam capilaridade política o suficiente, reduzindo a lista a quatro nomes: Carlito Von Schilgen (ex-PSD), João Calmon (ex-PSD), José Carlos Fonseca (ex-PSD) e Setembrino Pelissari (ex-UDN); sendo esses todos ligados a ala da ARENA controlada por Christiano Dias Lopes. Do outro grupo da ARENA, Eurico Resende despontava como o nome mais forte para opor os interesses de Dias Lopes.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A Direção Nacional da ARENA, buscava um nome com mais envergadura política, que pudesse pacificar as crises internas do Diretório Estadual, entretanto as elites locais buscavam um nome que pudesse dar prosseguimento ao GPI, e manter a reconstrução econômica do estado.

Nesse sentido surge uma opção, que até então era considerado azarão nesse processo da sucessão do governo estadual, Élcio Álvares surge como opção que atendessem as demandas, uniria o Diretório Estadual da Arena, daria prosseguimento a implementação do GPI e era bem visto pelos militares, considerado um defensor dos valores da “Revolução de 64”.

Élcio como já dito anteriormente fazia parte de uma dissidência da ARENA, o *Cupim de Aço*, e tinha melhorado as relações com seu desafeto Christiano Dias Lopes, logo a única ala que ele deveria dialogar para consolidar a escolha era Eurico Resende, e foi definido que Eurico apoiaria Élcio em 74, porém em 78 seria o contrário, Élcio apoiaria Eurico para o Palácio Anchieta.

Assim foi feito, a única coisa que faltava era a definição do vice, e Élcio Álvares realizou a opção de escolher algum nome ligado a Dias Lopes para de fato pacificar o partido, então Carlito Von Schilgen foi escolhido vice-governador. Como Élcio relata: “Além de cuidar da parte administrativa, armei o esquema político. A indicação de Carlito Von Schilgen como Vice-Governador, que recebeu a notícia [...] no dia 5 de julho. (p.83)”

A escolha por Élcio Álvares representou essa nova conciliação da elite capixaba, e afirmou uma mudança que ocorria na política nacional, a volta de governos com envergadura política, muito ligado ao processo de abertura que estava por iniciar, e seria necessário que a classe política aliada ao governo estivesse nos cargos de poder para conduzir essa reabertura do Regime Civil-Militar.

Considerações finais

Diante disso, ainda pude chegar a algumas conclusões após essa pesquisa, a primeira delas é que houve sim uma grande conciliação momentânea em prol da manutenção dos *Grandes Projetos*, principalmente no tocante a indicação de Élcio Álvares que fora um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

líder de uma dissidência arenista o *Cupim de Aço*, e que por meio dessa busca pela conciliação conseguiu galgar espaços de poder no estado capixaba.

Entretanto a sucessão de Élcio Álvares foi conturbada, pois o mesmo cogitou não cumprir o acordo com Eurico Resende. Gerando o rompimento da conciliação de 1974, esse fator se uniu ao fato que Eurico Resende possuía um perfil agroexportador, e houve o esgotamento de recursos para a manutenção da plataforma dos *GPI*, colocando um fim ao ciclo de desenvolvimento da década de 70 no Espírito Santo.

Referências Bibliográficas

ALVARES, Élcio. **Memórias do meu tempo**. Vila Velha: Edição do Autor, 2012.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**; tradução Nilo Odalia – 2.ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. V. 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

OLIVEIRA, Ueber Jose de. **Elites Capixabas no Golpe de 1964**. Serra: Editora Milfontes, 2018.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003a. p. 13-36.

TÉTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores**. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2000

WEBER, Marx. **Ciência e política, duas vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1968

Tribunal Superior Eleitoral – Eleições – disponível em: <www.tse.gov.br>. Vários acessos.

Tribunal Regional Eleitoral – Eleições – disponível em: <www.tre.gov.br>. Vários acessos.